

O EXTERMINADOR DO FUTURO, OU POR UMA DEFINIÇÃO NÃO INCONDICIONAL DE “ACELERACIONISMO”

Pedro Farias Mentor

RESUMO:

O seguinte ensaio pretende apresentar de forma não exaustiva a corrente filosófica chamada aceleracionismo. É necessário entender que mais do que um pensamento unificado, o aceleracionismo é uma tentativa de dar inteligibilidade às tendências estéticas, tecnológicas e políticas que unem a apologia ao capitalismo com a revolução social total, especialmente através desenvolvimento das inteligências artificiais e da ficção científica. O caminho escolhido foi: primeiro apresentar algumas dificuldades de definição do termo, em seguida a historiografia apresentada por Andy Becky, introduzir os “modelos” aceleracionistas de Steven Shaviro, Nick Land e a expansão conceitual do aceleracionismo que vem sendo feita por Hilan Bensusan e concluir com algumas possibilidades anti-aceleracionistas.

Palavras-chave: Aceleracionismo. Capitalismo. Metafísica. Niilismo. Nick Land.

ABSTRACT:

The following paper intends to present in a non-exhaustive way the movement / philosophical school called accelerationism. It is necessary to understand that more than a unified thought, accelerationism is an attempt to give intelligibility to the aesthetic, technological and political trends that unite apology to capitalism with the total social revolution, especially through the development of artificial intelligences and science fiction. The chosen path was: first to present some difficulties in defining the term, then the historiography presented by Andy Becky, to introduce the accelerationist “models” of Steven Shaviro, Nick Land and the conceptual expansion of accelerationism that has been made by Hilan Bensusan and to conclude with some anti-acceleration possibilities.

Palavras-chave: Accelerationism. Capitalism. Metaphysics. Nihilism. Nick Land.

INTRODUÇÃO

Segundo alguns, uma conceituação inequívoca do termo ‘aceleracionismo’ ainda não se encontra realizada. Para J.P. Caron “aceleracionismo é mais uma constelação de pensamentos do que uma teoria unificada, incluindo diversos tipos de oposição em seu interior”¹. Poderíamos sustentar tal idéia na medida em que a chamada “tradição aceleracionista” - especialmente aquela anterior a década de 1990 - jamais se identificou como tal, de fato, sequer viu em voga tal termo dentro dos seus círculos de debates²; soma-se a isso que, trilhando certa concepção lógica filosófica do termo - como é feita por Robin Mackay e Armen Avanessian³ -, o ‘aceleracionismo’ já não consegue lidar plenamente com algumas questões advindas com despontar da segunda década do século XXI no seio do trabalho de alguns pensadores que muitas vezes se estendem nas polêmicas aceleracionistas de forma direta - como é o caso do debate entre Nick Land e Reza Negarestani sobre o inumanismo⁴.

Mackay e Avanessian tentam investigar o termo não em busca de uma origem, uma restrição conceitual, mas numa atividade genealógica que possibilite o aceleracionismo enquanto configuração filosófica e proposição política⁵. Segundo eles, o aceleracionismo surge como uma espécie de tendência isolada, retardada por uma série de interstícios e silêncios prolongados, que irrompe na história da filosofia na forma de continuidades incompletas (*incomplete continuities*) alçando na contemporaneidade processos de mapeamento de terrenos comuns de temas com trajetórias e soluções difusas⁶. As custas do diálogo com a própria estrutura sociotecnológica que os aceleracionistas tematizam as ideias centrais sofrem constantes reorientações e (re)ajustes indicando o caráter revisionista que refina, seleciona e consolida tendências, ironizando e deslegitimando o discurso oficial, relativizando as políticas institucionais e supostamente impedindo o enquadramento das suas definições. Tomando como ponto de partida a própria estrutura argumentativa do seu

¹ CARON, 2018, p. 01.

² Será apenas em 2010 com a publicação de *The Persistence of Negative* de Benjamin Noys que a palavra começará a ser usada para se referir a(o)s fundadoras(es) e herdeiros(as) das investigações desenvolvidas no interior da *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU) bem como as(os) autoras(es) apropriados por estas(es).

³ 2014.

⁴ Negarestani no seu livro *Intelligence and Spirit* (2018) sequer cita qualquer termo ou autor do aceleracionismo, trilhando um caminho um tanto inesperado quando troca Kant por Hegel, Marx pelo funcionalismo e Deleuze por Wittgenstein. Sobre o debate entre Negarestani e Land ver o artigo de Vincent Le chamado *Spirit in the crypt* publicado no volume 15 de 2019 da *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*.

⁵ Cf. MACKAY & AVANESSIAN, 2014, p. 06

⁶ Cf. MACKAY & AVANESSIAN, 2014, p. 06

discurso, poderíamos dizer que o aceleracionismo nega uma origem fundacionalista e se aproxima de uma ontologia ciborgue.⁷ Ou seja, ao engendrar-se por fragmentos de regimes de escrita dos mais diversos (romances, ensaios, artigos, contos, estudos, manuais esotéricos, teses universitárias, coletânea de códigos computacionais etc.), épocas, posições políticas, sarcasmo e ironia, não linearidade ou mesmo apropriações da mesma fonte sem levar em consideração outras⁸ se faz como uma frankenstein desejosa de trocas compulsórias de seus membros, desfigurando-se para se manter a mesma (pelo menos em seus retalhos e costuras); de forma que encontramos uma série de possibilidades de (re)contar e escavar sua(s) genealogia(s) partindo não apenas da filosofia, mas, e talvez especialmente, da ficção científica.⁹

Mas ousemos, digamos que o cerne do aceleracionismo poderia ser resumido no seguinte slogan: “*não se anda para trás, só se anda para frente*”. **Para seus defensorus, o capitalismo é um professor de revolução - de vários tipos e sentidos - e por isso deveríamos apostar no seu movimento de decodificação das estruturas sociais para que possamos também decodificá-lo ou desvelar a face pós-capitalista subjacente à sua própria atividade.** Alguns, mais à esquerda, sustentam algum limite absoluto (Mark Fisher), enquanto outros, mais à direita, asseveram o capital em si mesmo como força motriz de um futuro ainda por vir (Nick Land). O aceleracionismo teria uma suposta base imanentista, ou seja, de negação total da transcendência, profundamente ligada a filosofia desenvolvida após maio de 68, em especial a leitura da CCRU da Universidade de Warwick de *O Anti-Édipo* de Deleuze & Guattari: se o capital realiza rupturas nos/dos códigos sociais, ele desterritorializa relações e modos de produção historicamente pregressos, logo ele seria capaz de destruí outros códigos e possui um ímpeto completamente novo quando comparado a outras realidades sociais. **Devemos dar boas vindas a tudo o que é proveniente do *socius* capitalista porque é nele que a figura do revolucionário humano perde sua função dando lugar ao próprio**

⁷ Sobre uma definição de ciborgue ver HARAWAY (1991) e HOQUET (2019).

⁸ Como são os casos da apropriação feita de *O Anti-Édipo* que identifica o capital com o corpo sem órgãos mesmo quando seus autores negam a possibilidade de equivalência, a quase ausência de referência a *Mil Platôs* em que Deleuze e Guattari realizam a crítica das potencialidades positivas do capital e na ocultação do capítulo 23 de *O Capital Vol. I* de Marx.

⁹ Contudo, se formos nos atentar a detalhes bibliográficos, entre as tentativas mais conhecidas de reconstrução histórica e filosófica destacamos quatro: a primeira é um artigo de Andy Beckett chamado *Aceleracionismo: como uma filosofia marginal previu o futuro que nós vivemos?* publicada originalmente no *The Guardian*; a segunda *Uma introdução rápida-e-safada para o aceleracionismo*, de Nick Land publicada em 2017 na *Jacobine*; a terceira uma palestra pública de 2013 chamada de *Sobre o aceleracionismo*, de Steven Shaviro e quarta um artigo intitulado *Ciborgues sonham com britadeira?*, de Renan Porto na Universidade Nômade. Logo mais retomaremos a todos esses textos.

capital como motor da transformação radical. Sendo a revolução desmantelamento e o capital seu modelo mais refinado atualmente ele seria o maior revolucionário ou todas as revoluções o teriam (ou deveriam tê-lo) como imagem.

Benjamin Noys será o primeiro a cunhar a palavra “aceleracionismo” para se referir a posição política que professa a queda do capitalismo pela radicalização de suas próprias forças. Uma posição aceleracionista, argumenta Andy Beckett¹⁰, seria aquela que apostaria na **aliança entre o capitalismo na sua versão mais globalizada e as tecnologias de ponta - especialmente a computacional - aspirando levar a humanidade a outro patamar em termos coletivos e/ou subjetivos.** Nesse movimento de fusão entre automação, mundo digital e humanidade a ação política e a revolta social se imiscuem. Assim, entregue as transformações dessa aliança, o aceleracionismo estaria em constante conflito com todos os aspectos políticos que tentam frear ou reverter o movimento da Modernidade: conservadorismo, social democracia e comunismo seriam inimigos em potencial devido sua lentidão não maquínica e preocupação demasiadamente humanista de pensar a realidade. Por isso, segundo Fred Turner¹¹ - historiador da indústria digital americana - o aceleracionismo é parte de um movimento que recusa a política tradicional, as divisões entre esquerda e direita e aposta na tecnologia como forma de nos libertar do mundo material e da finitude.

Phil Jones enxerga o aceleracionismo como uma ferramenta popular e útil para mapear a paisagem político-cultural do século XXI onde conservadores paradoxalmente se apegam às suas tradições enquanto buscam desencadear os fluxos do capital que acabarão por dissolvê-los e aceleracionistas de direita que condenam toda a esquerda como “reacionária” por tentarem resistir às transformações propiciadas pelo capitalismo¹².

Outra interpretação, ligeiramente diferente das anteriores, entende o aceleracionismo como uma resposta às condições do capitalismo atual - neoliberal, global e em rede - a partir de forte base marxista tradicional. Shaviro¹³, por exemplo, compreende Marx e Engels como os primeiros a caracterizar o capital como um motor poderosíssimo de revolução social: **ao mesmo tempo que reconfigura as tecnologias e as relações globais ele também propicia novos entendimentos sobre**

¹⁰ 2014.

¹¹ CF. TURNER, 2016 e BECKETT, 2014.

¹² Cf. JONES, 2019.

¹³ 2017.

as bases materiais da vida. Pela destruição e “encantamento” das relações, das inteligibilidades tecnológicas e das formas de experiência ele as desreifica para dar lugar a novas constelações sociais e imagéticas – em outras palavras: as próprias forças produtivas descanteiam realidades outras presentes nas contradições internas da sociedade capitalista. **Marx jamais teria ignorado o paradoxo inerente ao sistema de produção capitalista, a saber seu caráter libertário enquanto revoluciona a produção e perpetuador da miséria humana enquanto concentra a riqueza e os meios de produção.** Ambos processos não apenas se entrelaçariam no capitalismo como o definiriam essencialmente. Essa contradição seria intensificada ao longo do tempo uma vez que o desenvolvimento histórico-material do capitalismo não poderia ser nem o último horizonte da história humana e nem a maior sofisticação possível da evolução tecnológica: o conflito entre as relações de produção e as forças de produtivas forçosamente desencadeariam sua ruína. Para Shaviro:

“[...] o diagnóstico de Marx a respeito das doenças do capitalismo tem sido amplamente confirmado pelos eventos subsequentes; ainda que sua visão do movimento além do capitalismo jamais tenha sucedido. [...] Ainda assim, nenhuma dessas contradições causou o colapso do sistema, ou mesmo ameaçou remotamente a continuidade e expansão de sua reprodução. Em vez disso, o capitalismo tem se perpetuado através de uma série contínua de reajustes. Aproximadamente todos nós, os indivíduos, sofremos as degradações e obstruções; mas o Capital ele próprio não. Apesar do fato que chegamos num ponto onde as relações capitalistas de propriedade se tornaram onerosos “fardos diante do modo de produção”, o mesmo que, inicialmente, as havia posto em movimento; - esse fardo não mostra sinais de ser descarregado. A intensificação das contradições do capitalismo não levou a uma explosão, a nenhuma “negação da negação”. A “casca capitalista” falhou em “explodir em pedaços”; na realidade, ela classificou como uma carapaça rígida, apertando de maneira sufocante a vida dentro dela. O aceleracionismo pode ser melhor entendido como uma tentativa de responder a esse dilema.”¹⁴

Entre os temas aceleracionistas por excelência, diz Beckett¹⁵ podemos elencar: a ascensão da China, o desenvolvimento das inteligências artificiais, o fluxo dos mercados, o poder do capitalismo vinculado ao desejo libidinal, o fim da separação entre o imaginário e o real, o pós-humanismo e a ficção como forma de filosofia.

¹⁴ SHAVIRO, 2017, pp. 283 – 284.

¹⁵ 2017.

ENSAIANDO UMA HISTÓRIA DO ACELACIONISMO

Fonte inesgotável para as especulações as obras de ficção científica, apocalípticas e distópicas não podem ficar de fora das narrativas a respeito do aceleracionismo, estejam elas no plano de (re)construção histórica ou arguição filosófica. Por certo, segundo Beckett, o termo “aceleracionismo” foi criado e usado inicialmente para caracterizar as personagens do romance de Roger Zelazny intitulado “*Lord of the light*” (1967). Nele, as protagonistas circundadas pela cosmologia hindu dialogam através do misticismo seu desejo de transformações sociais através da tecnologia. E, embora tanto o livro quanto seu autor tenham sido olvidados da história, certo espírito irá penetrar o meio intelectual décadas depois: a intuição de que a verdadeira mudança sistêmica acontecerá impreterivelmente por meio do progresso da técnica.

Outra obra de ficção científica exemplar dessa temática, apontada por Shaviro, é *Pop Apocalypse* (1988), de Lee Konstantinou que retrata uma escola de pensamento de orientação marxista-leninista autodenominada Destruição Criativa a qual interpreta Marx como profeta factual do mundo porvir e aposta na expansão dos mercados capitalistas como condição para a revolução socialista, de maneira que os mais marxistas dos marxistas são idênticos aos capitalistas mais vorazes; ao longo da narrativa o grupo não apenas concordará como incitará guerra mundial nuclear como a forma mais sofisticada de gerar mercado e conseqüentemente levar ao fim do capitalismo.

Será na década de 1960, entretanto, que os aceleracionistas encontrarão suas bases teóricas mais explícitas. Desiludidos com as revoltas de 68, alguns filósofos marxistas tentaram atualizar a crítica ao capitalismo mirando nos aspectos positivos e/ou potencialmente apropriativos do capital. Em 1972 é publicado o *Anti-Édipo - capitalismo e esquizofrenia*, no qual Gilles Deleuze e Félix Guattari interpelam a esquerda a não apenas se opor a realidade do capital, **mas reconhecer suas habilidades contraditórias de tanto poder liber(t)ar quanto oprimir, valendo muito mais estimular e fortalecer as tendências anárquicas que sustentavam a realidade capitalista para poder ir além dela do que recusar sumariamente todas as potencialidades propiciada por sua força/fluxo revolucionário subjacente.**¹⁶

¹⁶ Impossível deixar de citar a passagem do livro mais apropriada pelos aceleracionistas: “Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico. Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, “acelerar o processo”, como dizia Nietzsche: na verdade, a esse respeito, nós ainda não vimos nada.”(DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 318)

Em 1974 Jean-François Lyotard lança *Economia Libidinal* (“o livro maldito”) que afirma categoricamente que mesmo os aspectos mais perversos e escusos do capital são gozados por aqueles que são interpelados e organizados pelo sistema: o capitalismo quando instaurado se torna natural(izado) nas vontades, nos afetos e nos processos de socialização de forma que os “desejos” deste se imiscuem na subjetividade do proletariado. E finalmente, Jean Baudrillard publica *A troca simbólica e a Morte* em 1976¹⁷.

Esquecidos por quase duas décadas *O Anti-Édipo* e *Economia Libidinal* renascerão pelas mãos de Nick Land, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Warwick, Inglaterra, que que interpretará de forma ainda mais experimental as idéias da vanguarda francesa de 68. Como professor, Land será conhecido por suas excelentes aulas quando subitamente abandonará a academia no começo da década 2000 e optará pelos seus blogs particulares como veículo de divulgação de ideias polêmicas tais como "seleção natural capitalista", a obsolescência da democracia e a desintegração da espécie humana com a evolução da inteligência artificial.

Contudo, antes de abraçar tais ideias, em 1995 Land fará amizade com Sadie Plant (professora de cultura popular moderna e ciberfeminista) e Mark Fisher (aluno de Plant) que juntos criticaram a postura da esquerda tradicional e das ideias liberais espalhadas pelos departamentos de ciências humanas - tecnófilos por excelência, suas filosofias incorporaram a computação, a música *dance* e os filmes de ação da década de 1990 como formas de pensar novas possibilidades de futuro.

A partir do encontro de interesses em comum destes e outros pesquisadores foi fundado o *Cybernetic Culture Research Unit* (CCRU), que se torna a vanguarda do sentimento triunfalista da internet na vida capitalista: o futuro seria moldado pelos computadores e pela globalização. Ao contrário das visões positivas tanto à esquerda (o *New Labour* inglês) quanto à Direita (a ideologia californiana do potencial humano destravado pela tecnologia digital), o grupo tentará minar tal utopismo que parecia demasiadamente conservador e masculino, muito distante do mundo mais aberto e complexo que a tecnologia poderia forjar.

¹⁷ As obras serão recebidas de forma controversa, tendo respostas dos três primeiros autores mais tarde - Lyotard renegará o seu e Deleuze e Guattari publicarão *Mil Platôs* que, corrigindo a consideração anterior, asseveram que o capitalismo em excesso levaria a sociedade ao fascismo e ao niilismo.

Entretanto, o reconhecimento institucional do CCRU jamais efetuou-se. Nos seus cinco anos de funcionamento ele passou por várias localidades físicas sem perder a consciência da própria imagem enquanto projeto coletivo, ele via e estimulava os próprios integrantes a usarem a linguagem experimental desenvolvidas nas discussões para se pensar o futuro e como forma inovadora de fazer filosofia. Iain Hamilton Grant, por exemplo, testemunha o diálogo incessante entre os seus membros, quase como uma mente coletiva aliada à leitura voraz de *Neuromancer* de William Gibson. Promovendo grupos de leitura, conferências, seminários e publicações o objetivo era viabilizar uma inovação e flexibilidade intelectual que unisse o passado e o presente através do uso e estudos de drogas, músicas eletrônicas e a alta conectividade da vida teórica com a vida dos bares - elementos que conformam o cotidiano e os ambientes em que os pesquisadores e os alunos do CCRU circulavam. Entre os temas trabalhados freneticamente estavam o cinema, o feminismo, a vida inorgânica, os microbióticos, as redes, os números, as simulações, as telecomunicações, as guerras, as *jungle music*, a ficção, o dinheiro digital e a encriptação. Desse vórtex criativo nascerão textos tão especulativos e herméticos que a ficção e a teoria se tornarão uma. Beckett diz:

Em 1999, eles resumiram sua história para um jornalista de música simpatizante, Simon Reynolds no estilo conciso e descarnado que era sua marca registrada: “Cru... teve início em outubro de 1995, quando usava Sadie Plant como tela e a Universidade de Warwick como habitat... o Cru se alimenta de estudantes de graduação + acadêmicos com problemas de funcionamento + Nick Land + pesquisadores independentes...”¹⁸

No final da década de 1990 o desprezo ao CCRU começa a se multiplicar no Departamento de Filosofia da universidade, afinal o grupo se via mergulhado para fora da academia com pesquisas que os próprios membros viam como frágeis de sustentar dentro das rígidas estruturas clássicas de argumentação e exposição. Finalmente a burocracia bate à porta e com ela a cobrança por regulação e avaliação. Em 1997, Sadie Plant pede demissão por conta da pressão da própria dinâmica do grupo e em 1998 Nick Land pede seu desligamento da universidade, transferindo as atividades do CCRU para uma sala em cima de um SPA¹⁹. Daqui em diante o coletivo se aproxima de ocultismo, da numerologia, dos contos de Lovecraft e do esoterismo de Aleister Crowley. No

¹⁸ BECKETT, 2017.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

testemunho de Robin Mackay o CCRU se torna uma quase-religião que soma a leitura exaustiva de *Coração das Trevas* e sua adaptação ao cinema (*Apocalypse Now*) orquestrada por Land e seus alunos enquanto desenham diagramas nas paredes e entram em exaustão física e mental devido ao uso excessivo de drogas. No começo de 2003 Land tem um colapso mental, o CCRU suspende suas atividades e desaparece para sempre²⁰. Com sua dispersão seus membros tomam os mais variados caminhos.

Quase seis anos se passam sem quaisquer grandes rebuliços, quando no Canadá Nick Srnicek reconhecendo o despreparo da esquerda em lidar com a crise do mercado especulativo de 2008, e influenciado pelo blog de Fisher, chamado *k-punk*, junta-se à Alex Williams e assinam o Manifesto por uma política aceleracionista. Se trata de uma resposta mais próxima do marxismo aos problemas da limitação das forças produtivas da tecnologia pelo capital. Apregoando um outro projeto de modernidade, os filósofos tentaram criar alternativas para a manutenção dos fins comuns, como por exemplo: a redução das horas de trabalho, a atenuação dos conflitos pela tecnologia, viagens para fora da Terra e até acenam para um certo pós-humanismo. Desponta um aceleracionismo movido por políticas de esquerda, que mobiliza outros pensadores neste sentido, e reascende a discussão em torno desta corrente de pensamento.

Em 2015 a dupla pública *Inventando o Futuro* que expande as ideias contidas no manifesto e acrescentam a automação e a renda básica universal como estratégias para o mundo porvir, segundo Beckett o livro foi um sucesso e atraiu a atenção que obra alguma da esquerda tinha conseguido em anos. Segundo Porto:

Nick Srnicek e Alex Williams, no livro *Inventing the future* (2015), nos sugerem imaginar diferentes futuros, a vislumbrar futuros melhores, modernidades outras, que sejam mais simpáticas à figura humana e que propiciem a reconstrução de um projeto contra-hegemônico de resistência ao capitalismo. Esse livro participa da última denteição do alto modernismo e traz em seu bojo o otimismo com a potencialidade de um progressismo esclarecedor e teleológico.²¹

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ PORTO, 2017, pp. 53 – 54)

Divergências entre Land e Srnicek não tardaram - para o segundo a leitura de Deleuze Guattari feita por Land era válida, mas desumana enquanto o primeiro considerava a separação da tecnologia autorrealizável do capitalismo algo profundamente desconcertante. Para Land o aceleracionismo de esquerda seria uma purificação ideológica que se aproximava de um leninismo sem Nova Política Econômica (NEP) – para abandonar logo em seguida qualquer tipologia que estabeleçam diferenças superficiais entre capitalismo e tecnologia²². Tal debate - a respeito de um aceleracionismo de direita ou de esquerda - antes de criar algo interessante, na verdade teria reacendido o interesse pelo capital enquanto fator social de aceleração abstrata, com efeito, qualquer vestígio de um aceleracionismo de esquerda cairia em políticas socialistas tradicionais, passando a vez para os aceleracionistas incondicionais – que recusam a ideia de esquerda e direita²³. Caron aponta que:

O *left-accell*, como ficou conhecido o aceleracionismo de esquerda, caracteriza-se por uma crítica às tendências localistas e horizontalistas internas à esquerda, por sua detectada incapacidade de produzir os resultados positivos desejados e sua ênfase em atos puramente negativos de resistência. A posição Landiana, ao contrário, manifesta-se em continuidade com um “aceleracionismo” anterior: a desestratificação construída por Deleuze e Guattari no programa da esquizoanálise do *Anti-Édipo*, que Land opõe à “cautela em desestratificar” que ambos os autores passam a advogar no volume seguinte de *Capitalismo e Esquizofrenia*, o *Mil Platôs*. Em Land tal agente de desestratificação não pode ser o Estado nacional, entidade molar por excelência, e seria um processo sem sujeito, no qual a própria agência do processo inteiro ganha tração em proporção direta à abdicação (ou impossibilidade) de agência por parte dos indivíduos empíricos a ele subditos. A hipótese é de uma assombrosa assimetria cognitiva entre a complexidade dos processos gerais do capitalismo e as capacidades decisórias das instituições - no sentido em que “pensar toma tempo, e o aceleracionismo sugere que o nosso tempo para pensá-lo está se esgotando, se não já o tivermos feito”. Mas mais do que isto: a diferença entre sujeitos do processo entre as propostas de Srnicek e Williams e a de Land implica numa diferença de objetivos: enquanto Srnicek e Williams entendem sua práxis como constituição de um encaminhamento na direção de um sistema de produção alternativo ao capitalismo vigente, Land entende o próprio capitalismo em sua versão mais desregulada como consistindo e fornecendo toda a agência necessária- a que fins?- à desestratificação ela própria.²⁴

Embora Fisher estivesse constantemente às voltas dos escritos de Deleuze e Guattari, com o tempo deixará de lado as ideias pró-capitalista e se aproximará da esquerda a partir de uma

²² BECKETT, 2017.

²³ Cf. LAND, 2017.

²⁴ CARON, 2018, p.02.

reavaliação da contracultura da década de 1960 e seus rastros na música da década de 1990 (mesmo que a criticasse pela falta de interesse e criatividade em explorar os usos tecnológicos)²⁵. No final da década de 2000 já compartilha com Srnicek a interpretação que o capitalismo era uma decepção para os aceleracionistas uma vez que o primeiro se baseava num ciclo eterno de produção lenta e muito cautelosa. Na entrada da década de 2010 o filósofo se desilude quando percebe que a Inglaterra não se prepara para O salto para o futuro - é a época em que o Brexit começa a tomar forma e a esquerda cai na nostalgia e idealismo -, a situação não parece menos pior em outras geografias: o capitalismo continua lutando contra a crise financeira e o jogo político parece ficar mais e mais fossilizado nas mesmas figuras públicas²⁶. Infelizmente, no ano de 2017, Fisher, que tinha uma história de luta contra a depressão e de luta em prol do reconhecimento da importância da saúde mental, acaba tirando sua própria vida.

Nick Land que se mudara da Inglaterra para Taiwan, agora observa a fusão entre o comunismo e capitalismo na China como a mais sofisticada expressão do desenvolvimento econômico e político do mundo. A partir de 2010 ele defenderá que o capitalismo nunca de fato se realizara devido (I) ao apologismo ao humanismo e (II) ao desejo de controle da política sob o desenvolvimento dos meios de produção. E não ignorante da ascensão da direita, volta aos holofotes em 2013 tornando-se o guru do movimento neo-reacionário de extrema-direita dos EUA (NRx como se auto proclamam seus seguidores) após a escrita do polêmico *O Iluminismo Sombrio*. Os NRx hoje se aproximam do anarcocapitalismo ao pregar a substituição da democracia, da burocracia e do estado-nação moderno por cidades estado autoritárias, mas assomam a crença na tecnologia e em um certo culto ao Vale do Silício.

Comentadores do aceleracionismo como Ray Brassier e Benjamin Noys vislumbram que, se de um lado os NRx lutam por uma causa calcada na volta para um passado quase feudal, do outro os aceleracionistas se agarram a falsas soluções uma vez que colocam o futuro sempre como uma promessa eternamente fora do alcance. De forma que, tal como o futurismo um dia prometia um novo amanhecer pela tecnologia, o aceleracionismo pode estar fadado a ser mais uma tentativa de vender

²⁵ Cf. COLQUHOURN, 2017.

²⁶ BECKETT, 2017.

livros e mais livros que pouco parecem corresponder à realidade do capitalismo²⁷. Phil Jones, mais próximo da ficção, nos pinta o aceleracionismo como um carnaval de sonhos... e de pesadelos:

Mas o aceleracionismo também é um sonho com monstros. O sujeito humano não é mais visto como soberano, mas simplesmente um encontro temporário e contingente de fluxos. E à medida que as máquinas aceleram e executam seus cursos, elas criam novas formas e novos seres. Ciborgues. Animais. Demônios. Deuses. Inteligências Artificiais. Um carnaval pós-humano de seres amorfos. O escritor de horror H.P. Lovecraft é admirado por captar o senso de configurações de forças que são muito maiores e mais poderosas do que nós, que nos deixam loucos por seres incompreensíveis.²⁸

MODELOS ACELERACIONISTAS: NICK LAND, NILISMO DA ACELERAÇÃO

No seu texto, *Uma introdução rápida-e-safada do aceleracionismo*, Land apresenta o aceleracionismo a partir da sua própria temporalidade e atividade, recusando-se a “corporifica-lo” em um ser constante: “qualquer pessoa que está tentando entender o que pensa sobre aceleracionismo precisa fazer isso logo. Isso é a própria natureza da coisa”²⁹.

Segundo ele, a aceleração é uma espécie de entidade - que poderia ser bem expressa como uma inteligência artificial - portadora de autoconsciência que vêm ganhando velocidade com o passar das décadas e abandonando a humanidade em sua lentidão. Fora de qualquer controle essa IAC (Inteligência Artificial do Capital) estaria para além das nossas capacidades de coerência ou pensamento: as crises institucionais, os debates públicos e as tomadas de decisão são assuntos que levam muito tempo e não acompanham os fluxos do conteúdo que perturbam a temporalidade e o tecido social. De fato, uma série de eventos se desenrolam espontaneamente e quase sem previsibilidade.

Resultado da implosão dos espaços de deliberação e da explosão da Modernidade o aceleracionismo é como um sistema de circuito cibernéticos de respostas – se de um lado ele é negativo (na linguagem deleuziana-guattariana, territorializado) estabelecendo itinerários para os

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ JONES, 2019.

²⁹ LAND, 2017.

processos e corrigindo os fluxos desordeiros para os caminhos tracejados, de outro ele é positivo (desterritorialização), ou seja, erradico, fugaz e impellido pela dinâmica de movimento.

A desterritorialização do capital é lida como um ser/atividade descompensada; tanto Marx quando Nietzsche supostamente teriam criado noções e conceitos que acabaram por colaborar para tal compreensão - o primeiro com a natureza do capital e o segundo com a mais sofisticada formulação de niilismo. **De acordo com essa análise, a comercialização e industrialização excitando-se mutuamente impulsionam a modernidade na forma de circuitos cada vez mais positivados. Na medida em que a automação é intensificada ela se torna autorreferenciada, não recorre a nada que não seja a própria imagem e semelhança, ou seja, se torna necessariamente niilista e paradoxalmente autônoma.** Por conter traços de imanentismo, ela cresce e se desenvolve sem um fim específico – a humanidade não passa de um hospedeiro que quando sucateado será deixado para trás. Para Land, analisar o capitalismo ou o niilismo é produzir e impulsioná-los ainda mais. A atividade de criticá-los os retroalimenta e os intensifica, sendo o melhor o caminho sempre se aprofundar e seguir em frente nessa atividade.

Para Land a filosofia de Marx é onde podemos encontrar as ideias embrionárias da indistinção entre a destruição do capitalismo e a sua intensificação: “a autodestruição do capitalismo é o que o capitalismo é”³⁰. Para além das inibições, o capital é uma destruição criativa que revoluciona a si mesmo mais do que qualquer elemento extrínseco poderia querer. Na cibernética positiva, o capital é desconfigurado da própria identidade, afinal qualquer coisa pode alimentar o capitalismo:

Enquanto blockchains, logísticas de drones, nanotecnologia, computação quântica, computação genômica e a realidade virtual nos inundam, banhadas em densidades crescentes de inteligência artificial, o aceleracionismo não vai a lugar nenhum, salvo mais para dentro de si mesmo. Ser apressado pelo fenômeno, ao ponto de uma paralisia institucional terminal, é o fenômeno.³¹

³⁰ LAND, 2017.

³¹ LAND, 2017, disponível em: <https://medium.com/materialismos/uma-introdu%C3%A7%C3%A3o-r%C3%A1pida-e-safada-para-o-aceleracionismo-4c9919c2ba35>.

MODELOS ACELERACIONISTAS: STEVEN SHAVIRO, A FORÇA ALIENÍGENA DO CAPITAL

Para Shaviro, por certo, o capitalismo não apenas sobreviveu como corroborou diversas crises para poder se perpetuar – nenhuma das contradições o colapsou. Por reajustes constantes ele se mantém e se renova a todo momento, redirecionando suas degradações e sucateamentos para os seres vivos incursos na sua abstração. Contudo, a superação da negação da negação por ela mesma (ideia hegeliana e marxiana) talvez seja pela primeira vez, em toda História, factualmente concebível pelas condições de possibilidades fornecidas pelo capitalismo: as riquezas, o acúmulo de tecnologia, automação maquínica e mobilização de intelecto geral de massas chegaram a tal nível de sofisticação que finalmente o ser humano pode (potencialmente) levar uma vida de auto cultivo tal como conjecturada por Marx e Keynes.³²

Entretanto, sem o fim do rentismo³³ e sem a concretização da revolução comunista Shaviro aponta a incapacidade da dialética de raiz hegeliana de lidar com a “lógica” do capitalismo: **a experiência concreta do século XX teria nos ensinado que o vampirismo do capital não era exclusivo do trabalho vivo, mas de si mesmo (autocanibalismo), ou seja ele preda as relações externas ao seu funcionamento ao mesmo tempo se dobra sob seu âmago. Ele se regenera de suas contradições e não sobrevive sem elas:**

³² O primeiro quando o comunismo se instalar possibilitando a autodeterminação de todos os indivíduos e o segundo quando a finalmente abandonarmos o problema econômico e nos voltarmos ao verdadeiro problema da raça humana que é a liberdade após a “eutanásia do rentíssimo” (que aconteceria gradativa e naturalmente).

³³ Keynes diz: “[...] o retorno agregado dos bens duráveis ao longo de sua vida, como no caso dos bens de curta duração, cobriria apenas seus custos de mão de obra de produção mais uma provisão para risco e os custos de habilidade e de supervisão. Ora, embora esse estado de coisas seja perfeitamente compatível com certo grau de individualismo, ainda assim levaria à eutanásia do rentista e, conseqüentemente, à eutanásia do poder cumulativo de opressão do capitalista para explorar o valor de escassez do capital. Atualmente, a taxa de juro não recompensa nenhum sacrifício genuíno, do mesmo modo que não o faz a renda da terra. O dono do capital pode obter juros porque o capital é escasso, assim como o dono da terra pode obter uma renda porque ela é escassa. Mas, embora possa haver razões intrínsecas para a escassez de terra, não há razões intrínsecas para a escassez de capital. Considero, portanto, o aspecto rentista do capitalismo como uma fase de transição que desaparecerá logo que tenha desempenhado a sua função. E com o desaparecimento desse aspecto rentista, muitas outras transformações deverão ocorrer. Além disso, uma grande vantagem da ordem dos acontecimentos que preconizo consiste em que a eutanásia do rentista, do investidor sem função, nada terá de repentino, mas meramente uma continuação gradual e prolongada do que vimos observando recentemente na Grande Grã-Bretanha, sem carecer de qualquer revolução.” (KEYNES apud COPPOLA, 2019).

Noutras palavras, não podemos esperar negar o capitalismo, porque o capitalismo por si só já mobiliza uma negatividade muito maior do que qualquer coisa que possamos conseguir juntar contra ele. O pequeno segredo sujo do capitalismo é que ele produz abundância, mas igualmente e continuamente converte essa abundância em escassez. Deve fazê-lo, porque não pode suportar a sua própria abundância. [...] A riqueza que o capitalismo realmente produz termina por minar a escassez que permanece sendo a sua *raison d'être*. Uma vez a escassez tiver sido superada, nada restará para impulsionar a competição. O imperativo de expandir e intensificar a produção simplesmente se mostra absurdo. Em face da abundância, assim, o capitalismo precisa gerar uma escassez imposta, simplesmente a fim de manter-se vivo. (SHAVIRO, 2017, p. 286)

Para o autor, o trabalho de Deleuze & Guattari é interessante para a compreensão dessa irracionalidade/contradição expansiva do capitalismo. A começar pelo giro epistêmico dos axiomas apriorísticos da economia política, em especial o conceito de escassez e suas implicações na produção, distribuição e despesa social em favor do reconhecimento de moderação da superabundância dos fluxos da Terra, do excesso ontológico da realidade que passa pelos processos de interstício da economia capitalista - se de Smith a Marx a preocupação teria incidido sobre a reprodução material da sociedade em termos de gastos e distribuição, na economia neoclássica teremos a falta tematizada falaciosamente no interior de uma antropologia filosófica racionalista em face a superabundância produzida pelo próprio capitalismo, o neoliberalismo da segunda metade do século XX potencializará a escassez como fonte da "imposição de uma exigência universal por competição em todos os âmbitos da vida"³⁴, sobretudo a ambiental.

Shaviro afirma que as flutuações possíveis da economia capitalista – expressas na linguagem marxiana na lei da queda tendencial da taxa do lucro e na linguagem deleuziana na virtualidade - articulam a realidade (sem necessariamente atender às exigências da atualização) e a futuridade de forma a conectar nevrálgicamente a imaginação, a ficção científica e os usos da tecnologia:

A ficção científica articula a futuridade que já existe como um componente virtual do presente. Ela apreende tanto a tecnologia quanto a organização sócio-política-econômica. Dentre todas as suas realizações, o capitalismo neoliberal também nos roubou o futuro. Ele converte tudo num presente eterno. Os valores mais altos são supostamente a novidade, a

³⁴ SHAVIRO, 2017, pp. 288.

inovação e a criatividade, e ainda esses sempre se revelam mais do mesmo.” (SHAVIRO, 2017, p. 288)

Assombrado pelo Realismo Capitalista de Mark Fisher, o filósofo concebe o futuro como espaço privilegiado para a colonização dos investimentos e das especulações financeiras, e onde a abertura e a improbabilidade se convertem em problemas de cálculo de risco e ambiente fértil para a filosofia de Nick Land. Na leitura de Shaviro, Land é o elaborador da ficção científica do capitalismo: **o capital como uma força alienígena que está para além da compreensão humana desterritorializa tudo e identifica a desintegração total com a morte. A existência biótica da Terra estaria condenada pela sede de aniquilação do capital.** Essa monstruosidade só poderia ser enfrentada por seres pós-humanos. Tal como a humanidade em *Phylogenesis*, conto de Paul de Fillippo, confrontada por uma invasão de seres sedentos por biomassa, devemos apostar na nossa pura sobrevivência para que possamos parasitar o nosso parasita. O único futuro da humanidade é abandonar sua “pureza” ontológica e aceitar nossa entrada no neo-humanismo.

A catástrofe do aceleracionismo, antes de ser o fim da linha, seria a oportunidade de entendermos a continuidade da humanidade com o capital-alienígena onde vida e morte, realidade e fantasia giram na roda do pós-humano. Aqui, Eros e Tânatos convergem toda atividade maquínica, humana ou ciborgue em autonomia, alienação e disponibilidade.

MODELOS ACELERACIONISTAS: NIILISMO, PROMETEÍSMO E CAPITALISMO

Percebamos que, tal como defendemos no início, a conceituação do aceleracionismo é fugidia, zombeteira e experimental. Nada obstante, o aceleracionismo pode ser concebido cabalmente como a articulação mais avançada entre niilismo, capital e prometeísmo tal como Hilan Bensusan indica (2018). Para Bensusan os três elementos se ligam em pelo menos 03 aspectos: (I) **a infinita expansividade de suas atividades** – o capital nunca “se basta”, ele cresce sem desejar um fim, o prometeísmo defende os avanços da tecnologia desenfreado de qualquer autoridade natural e o niilismo procura desestabilizar qualquer possibilidade de fundamento; (II) **seu pertencimento à história da metafísica ocidental na medida em que participam do processo de explicitação dos (supostos) princípios universais estruturantes do mundo bem como sua apresentação e**

disponibilização a aquele ou aquilo capaz de entender sua totalidade; (III) sua conexão com dispositivos artificiais capazes de controle – o niilismo rompe a conexão entre aquilo que é controlado e o que controla, identificando-os em um mesmo processo, o prometeísmo tenta transformar a inteligência em artefato e o capitalismo é por si mesmo uma inteligência artificial composta por crédito, dinheiro e meios financeiros.

Os dois “modelos” (ou concepções) de aceleracionismo apresentados anteriormente lidam com pelo menos um desses aspectos sem necessariamente se desvincular dos outros dois – Nick Land enfatiza o eixo do niilismo e Shaviro o capital enquanto o prometeísmo perpassa ambos.

Por isso, o aceleracionismo é um movimento geral epistemológico, metafísico, estético e político que visa a extração da inteligibilidade de todas as coisas virtuais, atuais e reais; onde a aceleração é identificada como um desejo de morte movimentado pela anulação de toda e qualquer agência alternativa, espontânea e anárquica que se efetiva na disponibilização e na instrumentalização:

A cosmopolítica pode ser pensada desde muitos regimes – ela pode partir de alguma forma de ontologia plana em direção a uma horizontalidade de tudo o que existe em que tudo pode estar igualmente para jogo, como querem as postulações da imanência, e pode partir de uma autoridade transcendente que está estabelecida independente de todo o resto. Uma cosmopolítica do capital não está claramente comprometida com a imanência – o capital está por toda parte, mas pode esbarrar com limites que preexistam sua expansão, pode ter que se curvar a uma estrutura de produção que não pode reformar ou comprar e pode ser refém da negação determinada que faz com que seu próprio movimento o dissipe – e nem com a transcendência – ainda que pareça que ele comanda as roldanas que quase tudo. O capital, de um jeito ou de outro, é um existente em expansão – e não é claro que nós não tenhamos visto apenas as bordas de sua cara.³⁵

Dessa forma o aceleracionismo compreendido como a articulação entre niilismo, prometeísmo e capitalista na sua aparente falta de comprometimento com qualquer coerência (a não ser a aceleração do capital), ponto de chegada ou de partida vela suas bases reacionárias e altamente hierárquicas que não estão presentes exclusivamente na modernidade, mas que se banham e deixam fluir (n)as filosofias ocidentais mais clássicas tais como aquelas que professam o excepcionalismo

³⁵ BENSUSAN, 2020, p. 91.

humano (atualizado no excepcionalismo da Inteligência, que poderia ser compartilhado com algumas máquinas) e a separação entre matéria e espírito de forma a domar a primeira e abjugar a segunda. Por isso, o aceleracionismo não é apenas uma corrente de pensamento, ferramenta de análise ou mera tendência cultural, mas um movimento de alçada hegemônica que no limiar da sua discursividade oculta seus próprios fundamentos e desejos enquanto projeto colonial, sobretudo quando sua tanatologia opera no imaginário dos regimes geontológicos ocidentais³⁶ desmobilizando, financiando ontocídios e destruindo formas de vida e morte pensadas e vivenciadas no assim chamado Terceiro Mundo – como por exemplo a ikupolítica³⁷, inviabilizando alternativas para imaginarmos o futuro pós-capitalista sem o protagonismo do capital. Como Bensusan diz:

A questão é se há uma saída para o que está estruturado por essas forças entrelaçadas. Em grande medida, o futuro da Terra e da humanidade depende da possibilidade dessa saída e de como ela deve ser concebida. Além disso, o futuro da soberania humana - e, portanto, das instituições jurídicas e da ação política em geral (e da democracia em particular) e da espontaneidade na construção da teoria - depende de quanta inteligência pode ser extraída dos processos humanos e naturais. As histórias entrelaçadas de niilismo, capitalismo e prometismo podem ser, até certo ponto, compreendidas e descritas como uma inteligência. Se essa inteligência puder ser extraída dos processos que compõem essas histórias, também poderá ser automatizada com consequências difíceis de prever. De qualquer forma, a questão de como entender a conexão entre essas histórias e o futuro se torna central - como Heidegger aborda em seus comentários às vezes não diretos sobre o destino.³⁸

CONCLUSÃO: EM DIREÇÃO AO PÓS ACELERACIONISMO

Pensar o futuro, ou melhor, uma outra temporalidade que reorganize nosso entendimento do que é o tempo e com sorte uma saída à proposta e perspectiva aceleracionista, deve contemplar os vários fluxos geográficos e materiais que compõe o solo que a aceleração do capital causa impacto. A consubstancialização de práticas e existências que ecoam, surgem e dialogam intensamente com a memória, a responsabilidade e o senso de comunidade focando principalmente na crítica ao especismo, nas lutas dos ligados a terra e nas filosofias de resistência da natureza talvez ganhe forças

³⁶ POVINELLI, 2016.

³⁷ NASCIMENTO, 2020.

³⁸ BENSUSAN, 2018, disponível em: <https://anarchai.blogspot.com/2018/12/nihilism-prometheism-capitalism.html>, acesso: 02.06.2020)

com a aproximação da ecologia aberrante, pensamentos indígenas e a fabulação científica (afrofuturismo, literatura bixa, ficção feminista etc.).

Da mesma forma que o aceleracionismo possui em sua historiografia uma matriz ocidental, postulada em sua maioria por homens, que encerra a tecnologia, a exploração e extração da natureza, o futuro pós/não humano no niilismo, uma práxis contra aceleracionista parece tomar corpo em pesquisas com metodologias não ocidentais e que não relativizam o caráter desastroso do capitalismo e que abram portas para outras noções de “Não-Humanismo”.³⁹

Uma plataforma que vá além do pretenso protagonismo do Homem ou da Inteligência⁴⁰ enquanto seres que fazem História sozinhos, que visualiza caminhos para a admissão e realização da nossa integração enquanto seres da e na Terra, em interpelação com a alteridade desde sempre implicada na nossa ação no mundo e que também implica nós na sua existência ou extinção. Tal estratégia seria não apenas possível, mas necessária para que possamos enfrentar o Antro-capitaloceno, período iniciado não geologicamente e mundializado como alguns creem, mas característico de uma região geográfica que transborda pelo restante do mundo destruindo tudo aquilo que lhe contrapõe numa marcha de homogeneização e abstração. Nesse sentido, reencantar os laços perdidos⁴¹ ou frágeis é questionar a diferença ou, pelo menos, a dissimilitude prometeica-niilista-capitalista de Natureza (passível, explorável, nutridora, inconsciente) e Inteligência (ativa, exploradora, racional) para que possamos reorganizar e agir de outra forma para conosco e para com mundo. Em suma, sair da monocultura das mentes⁴² e traçar laços que são econômicos, afetivos, de proteção, de família estendida, de espíritos que realizam um trabalho simpoiético⁴³ é desreificar, desfazer o recalçamento dos fluxos que o mural de Tiago Botelho parece chamar a atenção de Phil Jones na exposição HIPERFLUXO em Brasília:

³⁹ livros, ensaios e pesquisas historiográficas como as de Silvia Federici em *O Calibã e A Bruxa* (2018) e *Beyond the Periphery of Skin* (2020), *Staying with the trouble* de Donna Haraway (2016), *A Inconstância da Alma Selvagem* (2002) de Eduardo Viveiros de Castro, *A queda do céu - palavras de um xamã yanomami* (2015) de Davi Kopenawa, e *Biopiracy: the Plunder of Nature and Knowledge* (1997) de Vandana Shiva são apenas uma pequena seleção circunscrita que nos permitem enxergar para além da necrofilia dos aceleracionistas.

⁴⁰ NEGARESTANI, 2018.

⁴¹ FEDERICI, 2016.

⁴² SHIVA, 2003.

⁴³ HARAWAY, 2016.

Dominado a galeria, um mural altamente ambíguo de Tiago Botelho. Figuras míticas emergem das ruas de uma Brasília regulamentada e bem organizada com um zelo revolucionário, desencadeando um tumulto de animais, padrões e coisas em seu rastro. Mas isso é uma revolução ou conconfuso trarrevolução? Essas figuras têm suas referências ancestrais indígenas e afro-culturais, deuses vingativos mais antigos, nos atraindo em direção a antigas certezas e padrões? Ou são algo novo? Novas reuniões de forças que são ainda mais dinâmicas e progressivas e desafiam a ordem moderna?

Forças essas que sucateiam o ABC da máquina antropológica⁴⁴ niilista, prometeica e capitalista ocidental, já tão desgastada (por isso mais reacionária) e começam a desenterrar as línguas e os espectros⁴⁵ que rodeiam o mundo e, no caso do Brasil, nossas lendas: Anhangá, Boitatá, Corpo Seco, Dama de Branco, Encostos, Famaliá, Guaraci, Hipocampo, Iara, Jaci, Kumacanga, Loira do Banheiro, Matim-Taperê, Num-se-pode, Onça Cabocla, Perna Cabeluda, Quibungo⁴⁶ Rasga-Mortalha, Salamanca do Jarau, Tapiora, Urutau, Vitória-Régia, Wanadi, Yorixiriamori e Zaori⁴⁷ ... Em termos filosóficos, por que não pensar o amanhã a partir delas ao invés do sopro mais desesperado do capitalismo que é o aceleracionismo?

Se há um hiperfluxo ele será cosmopolítico, antropogáfico e não convergente no niilismo e na mera artificialização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKETT, Andy. *Aceleracionismo: como uma filosofia marginal previu o futuro em que vivemos*. **Medium**. Trad.: Materialismos. Data de publicação: 28 de março de 2017. Disponível em:

<<https://medium.com/materialismos/aceleracionismo-como-uma-filosofia-marginal-previu-o-futuro-em-que-vivemos-fda234b8852>> . Acesso em: 02.06.2020.

BENSUSAN, H. N.. *Linhas de animismo futuro*, Brasília, Editora IEB Mil Folhas, 2017.

⁴⁴ GONÇALO, 2018.

⁴⁵ Aqui entendidos como figuras, imagens de pensamentos, encruzilhadas da imaginação e modos de ver e ser (n) o mundo.

⁴⁶ BENSUSAN, 2017.

⁴⁷ Ver o abecedário ilustrado do folclore de Maju Bengel em: <https://twitter.com/MajuBengel/status/1266492432566362113>. Acesso: 02.06.2020.

- BENSUSAN, H. N.. *Nihilism, prometheism, capitalism. Anarchai*. Data de publicação: 12.12.2018. Disponível em: <<https://anarchai.blogspot.com/2018/12/nihilism-prometheism-capitalism.html>>. Acesso: 02.06.2020.
- BENSUSAN, H. N.. *O capital transversal e seus rebentos atrativos - ou a infância das máquinas. DIREITOS, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL*, v. 6, 2020. Pp. 88 - 109. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/9305>>. Acesso: 02.06.2020.
- CARON, J. P. *zEros land, sellars e o aceleracionismo. Das Questões*, v. 6, n. 1, 20 set. 2018. Pp. 01 - 24. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18704>>. Acesso: 02.06.2020.
- COPPOLA, Frances. **Keynes e o fim do capitalismo**. Disponível em: <<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2019/04/keynes-e-a-morte-do-capitalismo.pdf>>. Acesso em: 02.06.2020.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1972) **O anti-Édipo**. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FEDERICI, Federici. **Beyond the periphery of the skin**. Oakland: PM Press, 2020.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad.: Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017
- GONÇALO, Sabrina da Costa Lopes. *Nosso Camaleão: Máquina Antropológica em Giorgio Agamben. Congresso de Iniciação Científica da Unb e Congresso de Iniciação Científica do DF 24º Congresso de Iniciação Científica da Unb e 15º do DF*. Publicação: 20.11.2018. Disponível em: <<https://conferencias.unb.br/index.php/iniciacaocientifica/24CICUNB15DF/paper/view/13761>>. Acesso: 02.06.2020.
- HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulucene*. Duke University Press, Durham e Londres, 2016.
- HARAWAY, D. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento Feminista - conceitos fundamentais**. Trad.: Tomaz Tadeu. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Pp. 157 - 210.
- HOQUETE, Thierry. **Filosofia Ciborgue - pensar contra os dualismo**. Trad.: Marcio Honorio de Godoy. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Coleção Big Bang)
- JONES, Phil. **HIPERFLUXO - VOCÊS NÃO VIRAM NADA AINDA**, 2019. (apresentação da exposição)
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. 2015. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras.

- LAND, Nick. *Uma Introdução Rápida-e-Suja ao Aceleracionismo*. **Outlandish**. Data de publicação: Disponível em: <<https://xenosistemas.wordpress.com/2017/05/26/uma-introducao-rapida-e-suja-ao-aceleracionismo/>>. Acesso: 02.06.2020.
- LE, Vicent. *Slave, Sister, Sexborg, Sphinx: Feminine Figurations in Nick Land's Philosophy*. **Hypatia** - a journal of feminist philosophy, v. 34, n. 2, primavera de 2019. Pp. 329 - 347. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/hypa.12464?af=R>>. Acesso: 02.06.2020.
- LE, Vincent. *Spirit in the crypt*. **Cosmos and History: The Journal of Nature and Social Philosophy**, v. 15, n. 1, 2019. Pp. 535 - 563. Disponível: <<https://www.cosmosandhistory.org/index.php/journal/article/view/763>>. 02.06.2020.
- MACKAY, Robin & AVANESSIAN, Armen. *Introduction*. In: _____. **#accelerate#**. 1 ed. UK: Urbanomic, 2014. Pp. 01 - 49.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Da necropolítica a ikupolítica*. **Revista Cult**. Publicação: 27.01.2020. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/da-necropolitica-a-ikupolitica/>>. Acesso: 02.06.2020.
- NEGARESTANI, Reza. **Intelligence and Spirit**. 1 ed. Uk: Urbanomic x Sequence Press, 2018.
- PORTO, Renan. **Ciborgues Sonham Com Britadeiras?** [Um passeio pelo aceleracionismo]. *Lugar Comum*, n. 50. Pp. 50 - 67. Disponível em: <<http://uninomade.net/lugarcomum/50/>>. Acesso: 02.06.2020
- POVINELLI, E. **Geontologies: A Requiem to Late Liberalism**, Duke University Press. Duke University Press, 2016.
- SHAVIRO, Steven. *Sobre o aceleracionismo*. **Lugar Comum**, n. 41, pp. 281 - 192. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111404140952Sobre%20o%20aceleracionismo%20-%20Steven%20Shapiro.pdf>. Acesso: 02.06.2020.
- SHIVA, Vandana. **Biopiracy: The Plunder of Nature and Knowledge**. Berkley: North Atlantic Books, 2016.
- SHIVA, Vandana. **Monocultures of the mind: perspectives on biodiversity and biotechnology**. Londres,Zed Books, 1993.